

## **AS RELAÇÕES DE GÊNERO NO COTIDIANO DA ESCOLA: O PONTO DE VISTA DOS DISCENTES DA LICENCIATURA EM PEDAGOGIA DA UERN.**

**Aleksandre Saraiva DANTAS (1); Maria do Socorro Feitosa de MORAIS (2)**

(1) CEFET-RN/UNED-Mossoró, R: Raimundo Firmino de Oliveira, 400, Ulrich Graaf, CEP 59.6628-330, Mossoró-RN, (84) 3315-2752, E-mail: [aleksandre.dantas@bol.com.br](mailto:aleksandre.dantas@bol.com.br)

(2) escola de Enfermagem Tereza Neo, e-mail: [msfeitosa10@bol.com.br](mailto:msfeitosa10@bol.com.br)

### **RESUMO**

A construção social dos gêneros realiza-se nas mais diversas instituições e práticas sociais. Dentre as diversas instituições, a escola tem contribuído para a formação de sujeitos desiguais. Contudo, o papel da escola pode ser diferente. Para isso, torna-se necessário que se busque problematizar as práticas docentes, que muitas vezes colaboram para o estabelecimento da desigualdade entre os sexos. Este trabalho evidencia a importância da discussão sobre relações de gênero no âmbito escolar, revela a opinião dos discentes da licenciatura em Pedagogia da UERN sobre esta questão e como pretendem discutir a temática em suas futuras práticas pedagógicas. Para isso, realiza revisão de literatura acerca dos saberes docentes, da formação docente e da temática de gênero, aplicação de questionários junto aos discentes da licenciatura em Pedagogia, análise do currículo e das ementas das disciplinas. A pesquisa revelou que os discentes não têm conhecimentos consistentes sobre a questão de gênero, considerando necessária a discussão nas escolas, contudo, não acreditam estar preparados para realizar esta discussão, pois a formação não contempla questão de gênero. Os entrevistados mostraram-se a favor da discussão sobre as relações de gênero, reconhecendo que a formação recebida não contempla esta temática, dificultando a discussão nas suas futuras práticas educativas.

**Palavras-chave:** gênero, educação, pedagogia, formação de professores.

## 1. INTRODUÇÃO.

Este trabalho procura analisar a ótica de gênero dos alunos e alunas concluintes do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e o que esses alunos/as pensam sobre a importância de se discutir esta temática nas escolas em que irão realizar sua futura prática docente.

Nos últimos tempos algumas áreas do conhecimento têm se preocupado em estudar questões relacionadas aos gêneros na tentativa de desmistificar a opressão sofrida pelas mulheres ao longo da história da humanidade, bem como, por se perceber que a abordagem desta questão pode oferecer contribuições fundamentais para se entender a sociedade.

Analisando-se especificamente o campo da educação, a problematização da questão de gênero se faz presente através de publicações e pesquisas sobre a temática. No entanto, isso não tem sido suficiente para que esse tema ganhe visibilidade dentro das escolas.

Sabe-se que a instituição escolar, de forma explícita ou implícita, através do currículo, dos procedimentos de ensino, das teorias, das linguagens, do material didático etc, ainda é um espaço que contribui para a produção e reprodução das desigualdades entre os gêneros. Nesse contexto, a falta de conhecimento sobre a questão de gênero por parte dos profissionais da educação acaba contribuindo para que a escola não desenvolva o seu papel de combate a toda e qualquer atitude e comportamento que revele preconceito com relação aos gêneros.

A justificativa para o desconhecimento da questão de gênero por parte dos profissionais da educação pode estar na “ausência desta discussão – junto aos estudos sobre raça e à reflexão acerca das questões culturais mais amplas – nos cursos de formação inicial e continuada de professores”. (MARTINEZ, 1997, p. 252)

Não se pode negar de forma alguma a importância da discussão de gênero se fazer presente nos currículos dos cursos de formação inicial de professores/as. No entanto, não se trata apenas de incluí-la nos currículos, mas acima de tudo, de consolidar e efetivar essa questão enquanto política pública do Estado.

A análise de documentos de políticas de educação na ótica de gênero (principalmente os Parâmetros Curriculares Nacionais, especificamente os temas transversais que abordam a questão de gênero), permite concluir que,

(...) apesar dos PCN se constituírem em um importante documento de referência para a formação e atuação de professores em sala de aula, estudos vêm demonstrando que poucas escolas os incorporaram na sua prática. Dentre os motivos apontados está o distanciamento entre a orientação proposta e o contexto escolar existente. Dessa forma, a legitimidade do documento é prejudicada, tanto como política que pretende garantir condições igualitárias de qualidade para o sistema, quanto como formação a partir de um currículo nacional. (VIANNA, UNBEHAUM, 2006, p. 420-421)

Diante desta realidade, pode-se perceber que a consolidação da questão do gênero na educação envolve diversos aspectos e que entre eles estão a formação do educador e a mudança curricular, mas acima de tudo a consolidação e a efetivação dessa questão enquanto política pública do Estado, para que a escola possa se construir enquanto espaço, não só de reprodução, mas também de reconstrução de valores e costumes culturais, contribuindo, desta forma,

(...) para uma maior igualdade entre homens e mulheres no conjunto da sociedade, à medida que caminhar na direção de uma educação não – sexista, que contribua para a superação de preconceitos e para a construção de pessoas comprometidas com a igualdade de direitos entre os sexos. (CARVALHO, 1998, p. 21)

É com base na compreensão da importância destas questões para o campo da educação e a efetivação destas discussões na prática pedagógica do educador do ensino fundamental que foi realizada esta pesquisa com os/as alunos/as do curso de Pedagogia da UERN, objetivando identificar o conceito que estes ou estas têm sobre as relações de gênero, bem como, verificar se pretendem realizar esta discussão em suas futuras práticas pedagógicas.

## 2. RELAÇÕES DE GÊNERO. O QUE SIGNIFICA?

Antes de procurar fazer a relação entre gênero e educação escolar, torna-se necessário refletir um pouco sobre o significado e sentido do que seja gênero, para só então compreender sua importância e necessidade de reflexão no espaço das instituições escolares.

Torna-se necessário afirmar que o significado do conceito de gênero aqui explicitado está vinculado, lingüística e politicamente, à história do movimento de mulheres contemporâneo. Nesse sentido, ela não é encontrada em dicionários comuns.

Além disso, não é objetivo deste trabalho recuperar todo o processo de construção e incorporação do conceito de gênero pelo movimento de mulheres, visto que demandaria algumas páginas de discussão além de não se constituir o objeto central do momento. Desta forma, trabalhar-se-á apenas o conceito da palavra, que para o momento já é suficiente.

É através das feministas anglo-saxãs, durante a década de 1970, que o termo gênero passa a ser utilizado com um sentido diferente do sentido dado a palavra sexo, objetivando negar o determinismo biológico contido no uso do termo sexo. A inserção do conceito gênero pelas feministas pretende evidenciar que o tratamento desigual que as mulheres vêm sofrendo ao longo da história, e que socialmente se estabeleceu como algo “natural” é fruto de construções sociais e culturais que, historicamente, foram se estabelecendo como verdade através de um processo continuado de educação diferenciada destinada a meninos e meninas para se integrarem numa dada sociedade como masculinos e femininos.

Vale dizer que o processo de construção histórico-social dos gêneros é

(...) produto de um trabalho incessante (e, como tal histórico) de reprodução, para o qual contribuem agentes específicos (entre os quais os homens com suas armas como a violência física e a violência simbólica) e instituições Famílias Igreja, Escola, Estado. (BOURDIEU, 1999, p. 46)

É por esse motivo que o conceito de gênero esclarece que:

(...) nascer macho ou fêmea é um assunto da natureza. No entanto, a educação diferenciada que machos e fêmeas recebem, bem como todo o seu processo de integração no grupo, transformam-nos em homens e mulheres com características específicas. Trata-se pois, de um fenômeno cultural que pode – e deve – ser mudado. (CARREIRA, AJAMIL e MOREIRA, 2001, p. 21)

É importante salientar que cada sociedade tem o seu modelo de homem e de mulher de acordo com sua cultura e valores estabelecidos. Dentro de um mesmo país é possível encontrar, em sua estrutura interna, múltiplas divisões de gênero, classe, religião, entre outros.

Pode-se então perceber que, se a construção de homens e mulheres ocorre dentro das relações específicas de cada sociedade, logicamente,

As justificativas para as desigualdades precisariam ser buscadas não nas diferenças biológicas (se é que mesmo essas podem ser compreendidas fora de sua constituição social), mas sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação. (LOURO, 1997, p. 22)

Verifica-se então que o conceito de gênero refere -se a forma e ao modo como as características sexuais são compreendidas e conduzidas para o cotidiano das pessoas e incorporadas pelo processo histórico.

Desta discussão, deve-se compreender que o conceito de gênero é diferente do conceito de sexo, visto que o primeiro faz parte de uma dada cultura e seus arranjos sociais, ou seja, constitui-se em “um conjunto de práticas, símbolos, representações, normas e valores sociais que as sociedades elaboram continuamente, a partir das diferenças sexuais” (SOUSA, 1997, p. 22), enquanto o segundo termo faz parte da biologia, e se refere às características físicas que homens e mulheres já trazem ao nascer.

Assim, o conceito de gênero foi criado pelo movimento feminista para explicar que as idéias de prestígio e poder masculino nas diversas culturas não têm nenhuma fundamentação científica. O conceito explica que as desigualdades entre os gêneros se fundamentam em preconceitos que foram sendo construídos social e culturalmente, com base em uma sociedade fundamentada em fortes traços patriarcais.

### **3. RELAÇÕES DE GÊNERO E A EDUCAÇÃO ESCOLAR.**

Quando se reflete sobre o conceito de gênero, verifica-se que no espaço social em que se vive, ser masculino ou feminino são definições construídas historicamente, que envolvem valores, normas, sanções e tradições específicas de cada sociedade. Assim, cada sociedade possui o seu modelo ideal de homem e mulher.

Nesse sentido, pode-se então perguntar: qual a relação existente entre a discussão sobre gênero e a educação escolar? Que contribuição à escola pode oferecer para reduzir estes tipos de preconceitos? É papel da escola falar sobre esta questão?

Considera-se que a escola é um reflexo de nossa sociedade. Sociedade esta construída sobre fortes traços machistas. Estruturada de forma hierarquizada. Que controla a sexualidade feminina e, ao mesmo tempo, incentiva o menino a praticá-la. Enfim, como se pode perceber, a nossa sociedade foi construída com base nas diferenças e separações.

Dentro desta perspectiva, pode-se afirmar que, apesar da educação apresentar a preocupação em se constituir em um espaço de construção do respeito às diferenças, percebe-se que este espaço ainda se configura em um local de veiculação de estereótipos sexuais.

A história das sociedades ainda é contada apresentando a figura masculina como protagonista. Quase nunca se vê os conteúdos de história, por exemplo, explorarem as contribuições da mulher no campo da arte, da medicina, da política, da religião, etc. Esse tipo de história contribui para uma visão equivocada dos papéis sexuais na vida e na escola, transmitindo a idéia de que só o sexo masculino é capaz de criar, decidir e modificar as coisas na sociedade.

Pode-se perceber que

A mulher é a grande ausente nos textos escolares de história. Sua ausência faz-se patente tanto nas descrições bélicas como nos escassos momentos em que se fala da organização social. Tudo isso nos indica que a mulher foi intensamente desconsiderada ao longo da história e que os livros de texto continuam desconsiderando-na, em uma desesperada tentativa de deter o passar do tempo. (MORENO, 1999, p. 57-58)

A escola também precisa se preocupar com a questão da linguagem, pois a linguagem é produto da cultura e acaba refletindo, muitas vezes, um forte caráter sexista. As palavras escritas ou faladas no masculino são utilizadas para transmitir uma idéia de universalidade. Dentro desse modelo, o gênero feminino é sempre ocultado e, conseqüentemente, excluído.

É preciso que a escola mostre o poder que a linguagem possui no reforço da desigualdade entre os sexos e procure exercitar uma linguagem escrita e oral menos contagiada de preconceito. Visto que,

Dentre os múltiplos espaços e as muitas instâncias onde se pode observar a instituição das distinções e das desigualdades, a linguagem é, seguramente, o campo mais eficaz e persistente – tanto porque ela atravessa e constitui a maioria de nossas práticas, como porque ela nos parece, quase sempre, muito “natural”. Seguindo regras definidas por gramáticas e dicionários, sem questionar o uso que fazemos de expressões consagradas, supomos que ela é, apenas, um eficiente

veículo de comunicação. No entanto, a linguagem não apenas expressa relações, poderes, lugares, ela os institui; ela não apenas veicula, mas produz e pretende fixar diferenças. (LOURO, 1997 p. 65)

O livro didático é outro instrumento que a escola utiliza e que, em muitos casos, contribui para reforçar idéias deturpadas sobre a figura feminina. É preciso que os professores/as estejam atentos para os textos e gravuras que, em alguns casos, apresentam o sexo feminino como fraco e medroso.

As mulheres são descritas de forma a parecerem sempre mais fracas que os homens, buscando neles apoio e proteção, sem os quais ficariam completamente indefesas. Aliás, nos livros escolares a mulher é apenas a mãe, aquela que alimenta os filhos e lhes dá educação, estando o pai praticamente excluído do processo educativo das crianças e da vida familiar. (SOUSA, 1997, p. 30)

Pelo que se pode perceber, existe um grande desafio a ser enfrentado pelas escolas no que diz respeito às relações de gênero, visto que, buscou-se apresentar apenas os casos mais evidentes, em que, normalmente, valores sexistas são reproduzidos. Diversas outras questões poderiam ser discutidas, como as brincadeiras infantis, onde em muitas situações, as crianças acabam reproduzindo fatos da vida cotidiana vinculados a preconceitos.

Assim, considera-se que o espaço escolar se constitui em um local privilegiado para contribuir na criação de novas formas de relacionamento e de comportamento, na medida em que é na escola em que ocorre boa parte do processo de socialização das crianças e adolescentes, momentos estes em que estão se construindo os processos de identificação sexual e de gênero.

Considerando-se que é tarefa da escola contribuir para a formação de sujeitos menos preconceituosos, mais tolerantes e que saibam respeitar às diferenças, pode-se concluir que a questão de gênero se constitui em um campo bastante fértil para esse debate.

No item seguinte apresentar-se-á a pesquisa de campo realizada com alunos/as do curso de pedagogia da UERN, onde será apresentado o conceito que estes ou estas têm sobre as relações de gênero, bem como, o ponto de vista destes discentes sobre a importância de se discutir a temática de gênero no cotidiano escolar.

#### **4 DISCUTIR OU NÃO AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA? O PONTO DE VISTA DAS/OS ALUNAS/OS DO CURSO DE PEDAGOGIA.**

Para que se pudesse identificar o conceito que os alunos /as da licenciatura em Pedagogia da UERN têm sobre as relações de gênero, bem como, verificar se pretendem discutir essa temática em suas futuras práticas pedagógicas, utilizou-se instrumentos metodológicos variados, como: revisão de literatura acerca dos saberes docentes, da formação do professor e da temática de gênero, aplicação de questionários junto aos alunos que estão concluindo a licenciatura em Pedagogia na UERN, análise do currículo e das ementas das disciplinas dessa licenciatura.

Na aplicação dos questionários optou-se por trabalhar com oito alunos/as do oitavo período do curso de Pedagogia por acreditar que estes/ estas alunos/as devido já estarem concluindo o curso poderiam fornecer opiniões mais consistentes sobre a temática pesquisada.

Até agora procuramos fornecer alguns elementos básicos para compreendemos melhor a importância da questão de gênero e a sua relação com o espaço escolar. Procurar-se-á agora refletir sobre os dados coletados, onde são reveladas as opiniões dos/as alunos/as do curso de Pedagogia sobre a questão.

Ao se perguntar aos entrevistados como explicariam o que são “relações de gênero”, 06 alunos (75%) ofereceram respostas bastante evasivas para explicar a questão.

De um modo geral as respostas apresentavam uma inconsistência do assunto bastante evidente fazendo com que os mesmos apresentassem uma escrita superficial e não explicativa sobre o que havia sido perguntado.

Um dos entrevistados sintetiza bem o que foi comentado anteriormente ao afirmar que:

“é a relação de todos os indivíduos, ou seja, com outros que apresentam diferenças. Enfim, está baseada no respeito mútuo com os seres humanos”.

Como se pode perceber, a ótica de gênero apresentada pelos pesquisados é inconsistente, não informando de maneira alguma o que realmente são relações de desigualdade entre os gêneros e em que se fundamenta essa desigualdade.

Com relação aos outros 02 entrevistados (25%), pode-se verificar que, apesar de não situarem bem o conceito, apresentam algum tipo de conhecimento sobre o assunto. Veja a ótica de gênero desse entrevistado:

“A maneira como homens e mulheres se posicionam nas questões socioeconômicas, culturais e de qualquer natureza humana”.

Apesar do conceito não apresentar um nível de elaboração clara, percebe-se a tentativa desses entrevistados de situar o tema e mostrar as implicações das relações desiguais entre os sexos no mais diversos campos da vida social.

Ao perguntar sobre a importância de se discutir a questão de gênero em suas futuras práticas docentes, todos os entrevistados acreditam que a temática de gênero deva ser problematizada no âmbito da sala de aula com seus futuros discentes. Apesar de se mostrarem favoráveis em discutir a temática de gênero em sala de aula, 06 alunos pesquisados (75%), não souberam apresentar justificativas para a importância de se trabalhar a questão de gênero em sala de aula.

A explicação para a ausência de clareza nas justificativas, certamente está na falta de leitura sobre a questão.

Os outros 02 entrevistados (25%), apresentaram justificativas mais esclarecedoras, pois afirmaram que:

“A educação pode contribuir para discutir os valores culturais que são fortes”.

“Pode abrir os ‘olhos’ e esclarecer relações preconceituosas”.

Ao se perguntar sobre a forma como pretendem desencadear o debate sobre a questão de gênero em suas futuras práticas docentes, 06 alunos (75%) não indicaram como pretendem criar momentos para problematizar a questão de gênero em sala de aula, enquanto 02 alunos (25%) apontaram algumas sugestões, tais como:

- Discutir relações de gênero na disciplina de História;
- Procurar levar temáticas importantes para a sala de aula que tenha a ver com o tema;
- Dialogando sobre o assunto com os alunos para verificar suas opiniões;
- Sempre que surgir o momento.

Uma outra pergunta que foi realizada diz respeito à formação recebida pelos discentes no curso de Pedagogia, procurando conhecer se essa formação contribuiu para construir uma visão de gênero capaz de auxiliar a discussão sobre essa questão em suas futuras práticas docentes. Sobre este aspecto, dos oito (08) discentes entrevistados, 07 discentes (87,5%) afirmaram que a licenciatura em Pedagogia da UERN não realizou essa preparação, de modo que esses discentes afirmam que não se sentem suficientemente preparados para debater a temática de gênero com seus/suas futuros/as alunos/as.

De acordo com esses discentes:

“Ao longo do curso essa temática não foi trabalhada por nenhuma disciplina do curso, nem mesmo os Parâmetros Curriculares Nacionais que apresentam a questão de gênero como tema transversal foram discutidos no curso de Pedagogia”.

Essa afirmação reforça o que foi constatado através da análise do currículo da licenciatura em Pedagogia da UERN, onde se percebe que não existe nenhuma disciplina voltada para a problemática de gênero. Além disso, as ementas das disciplinas desse currículo não contemplam, em nenhum momento, a discussão dessa questão, demonstrando que essa temática não é abordada por nenhuma das disciplinas.

Enfim, a pesquisa revelou que a temática de gênero não se constitui em preocupação do curso de Pedagogia. Como afirma um dos pesquisados:

“Aqui nesse curso nunca trabalhamos nada sobre esta questão, nem sequer me lembro de em alguma disciplina tocar nesta questão. O que sei, aprendi com minhas próprias leituras, que, aliás, é muito pouco”.

Contrariamente ao que os dados apresentam, acredita-se que o curso de Pedagogia da UERN não pode ficar a margem dessas discussões já que cada vez mais se torna

(...) necessário introduzir a discussão das questões de gênero na formação de professores/as, no sentido de formar profissionais reflexivos que possam pensar e repensar sua própria prática, no sentido de conhecer a importância crescente que detém a linguagem (nas suas diversas formas: oral, escrita, corporal, etc.) na formação das identidades de gênero e na transmissão – ou não dos estereótipos sexuais. (...) A prática pedagógica crítica exige um compromisso com a transformação social, devendo examinar a escola mais de perto, persistentemente, em termos de questões de etnia, classe, poder, gênero e cultura”. (MARTINEZ, 1997, p. 266)

Apenas 01 pesquisado (12,5%) afirmou que não precisa de grande preparação para discutir esta questão em sala de aula.

“Acho que esse tipo de assunto não precisa ser trabalhado no curso, dá para a gente trabalhar com nossos alunos com nossos próprios conhecimentos”.

Apesar de se tratar de um caso isolado dentro do universo pesquisado, trata-se de uma opinião significativa para comentário, visto que, não se pode acreditar que não seja necessário ao educador receber uma preparação teórica para problematizar esta questão, na medida em que se trata de uma discussão complexa onde a falta de uma boa fundamentação teórica poderá fazer com que o/a professor/a venha a reforçar preconceitos já consolidados socialmente, de forma inconsciente e acreditando que está fazendo o mais adequado.

Provavelmente, este tipo de opinião está vinculado à idéia de que para se trabalhar com crianças não se necessita de conhecimentos consistentes. Pode se considerar ainda que a falta de conhecimento sobre a questão de gênero impediu esse discente de perceber o seu grau de importância e complexidade.

Vale destacar que, conhecer bem a questão significa dizer que o/a professor/a terá uma ferramenta útil para melhor traçar suas estratégias de trabalho, emitir opiniões consistentes no âmbito da sala de aula e dentro da escola, junto com seus colegas de trabalho, além de saber analisar criticamente o material didático que irá utilizar.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante de tudo o que foi abordado ao longo deste trabalho, percebeu-se que, cada vez mais, vem se tornando uma necessidade fundamental para o campo da educação incorporar o debate das questões de gênero, na medida em que se trata de um compromisso ético e social que a escola não pode desprezar.

A escola poderá contribuir muito debatendo as questões de gênero. É claro que sozinha não resolverá todos os problemas, mas poderá fornecer grande contribuição trabalhando junto à criança, desde cedo, a superação de preconceitos que ainda resistem em nossa sociedade. Para isso, precisa estar atenta aos recursos educacionais que utiliza e o tipo de currículo que circula no interior da escola, pois sabemos que o currículo envolve todos os elementos que veicula na escola, seja os explícitos ou implícitos, revelando desta maneira o seu compromisso de inclusão ou exclusão.

A pesquisa realizada com os/as alunos/as da licenciatura em Pedagogia da UERN revelou que os mesmos não dispõem de uma compreensão clara sobre o conceito de gênero para intervir de forma consistente em suas futuras práticas pedagógicas. Os discentes opinaram a favor da discussão no âmbito das escolas, já que consideram um debate importante e necessário. No entanto, não se sentem suficientemente preparados para conduzir esse debate em suas futuras práticas pedagógicas.

Tal fato revela a inconsistência da formação inicial que esses professores estão recebendo para o tratamento da questão de gênero e a pouca valorização que essa temática tem, atualmente, nessa licenciatura. Além disso, a pouca valorização da questão de gênero também ficou evidenciada pela análise do currículo e das ementas das disciplinas desse curso.

Assim, acredita-se que, para que a discussão de gênero chegue até as escolas e a sala de aula do ensino fundamental, são necessárias, entre outras medidas,

(...) uma revisão curricular que inclua na formação docente não só a perspectiva de gênero, mas também a de classe, etnia, orientação sexual e geração. Mais do que isso, é preciso incluir o gênero, e todas as dimensões responsáveis pela construção das desigualdades, como elementos centrais de um projeto de superação de desigualdades sociais, como objetos fundamentais de mudanças estruturais e sociais. (VIANNA, UMBEHAUM, 2006, p. 425)

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. 160 p.

CARREIRA, Denise, AJAMIL, Menchu, MOREIRA, Tereza. **Mudando o mundo**: a liderança feminina no século XXI. São Paulo: Cortez, 2001. 232 p.

CARVALHO, Marília Pinto de. Um olhar de gênero sobre as políticas educacionais. In: FARIA, Nalu, NOBRE, Miriam, AUAD, Daniela, et al (Orgs.). **Gênero e educação**. São Paulo: SOF, 1999. 09-24. (Coleção Cadernos Sempre Viva)

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MARTINEZ, Sílvia Alicia. Questões de gênero e formação de professores/as. IN: CANDAU, Vera Maria (org.). **Magistério**: construção cotidiana. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MORENO, Montserrat. **Como se ensina a ser menina**: o sexismo na escola. Trad. Ana Venite Fuzatto. São Paulo: Moderna : Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1999. 80 p.

SOUSA, Valquíria Alencar de. **Um olhar de gênero nas temáticas sociais**. João Pessoa, PB: Idéia, 1997.

VIANNA, Claudia, UMBEHAUM, Sandra. Gênero na educação básica: quem se importa? Uma análise de documentos de políticas públicas no Brasil. **Educação & Sociedade**, Campinas-SP: CEDES, v. XXVII, n. 95, p. 407-428, maio/ago. 2006.